

A PREVENÇÃO DA AIDS NA ADOLESCÊNCIA: A experiência Catalã

*José Caldas**

Resumo

Que a adolescência constitui um grupo-alvo importante para os programas de educação sobre HIV/AIDS é um fato aceito em todos os países por razões epidemiológicas e pelas especiais características psicológicas e comportamentais deste setor populacional.

Nos últimos anos, o Brasil viu que o maior incremento de casos de aids teve lugar por via de transmissão heterossexual (1994: 25,3%; 1995: 27,6%; 1996/97: 32,5% do nº total de casos) e, a julgar pelos dados existentes sobre as taxas de doenças de transmissão sexual em função da idade, os adolescentes e jovens adultos são aqueles que se encontram em situação de maior risco (a faixa etária entre os 0 e 24 anos é responsável por 17% do número total de casos acumulados, o que equivale a dizer 20.409 de um total global de 120.399). O mesmo ocorre na Espanha, onde a aids é desde 1991 a primeira causa de morte entre jovens do sexo masculino com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos. Se a este grupo descontamos dez anos (tempo normal de incubação —

* Professor da Universidade de Barcelona e da Fundação Ciência e Tecnologia — JNICT (Portugal).

assintomática), encontraremos que o momento da infecção se dá produzido entre os 15 e os 24 anos. O fenômeno de incremento da transmissão por via heterossexual é também uma realidade na Catalunha, onde já ultrapassou o número de casos de transmissão homossexual, a qual se encontra praticamente estabilizada. É urgente, portanto, considerar seriamente os adolescentes e jovens heterossexuais como uma população com um elevado potencial de risco. Como levar a cabo a educação sexual dos adolescentes e conseguir que aqueles que virão a ser, de forma eminente, sexualmente ativos adotem desde o princípio comportamentos preventivos? Tema polêmico entre nós, pelos aspectos ético-comportamentais de que se reveste. Há setores sociais e políticos e religiosos que defendem que divulgar prematuramente a educação sexual e promover habilidades de sexo seguro nos adolescentes pode produzir um efeito contrário ao que se pretende conduzir a um incremento precoce das práticas sexuais nos indivíduos que, de outro modo, se manteriam abstinentes durante mais tempo. Estudos realizados por várias instituições governamentais e ONGs que se dedicam à luta contra a aids na Catalunha demonstraram que a informação constitui uma condição *sine qua non* para alterar comportamentos. Estas intervenções mostram, em primeiro lugar: que um programa de prevenção primária que inclua elementos informativos, motivacionais e comportamentais é capaz de produzir redução de riscos em setores da população que, pelas suas circunstâncias sócio-demográficas e ambientais especificadas, propiciam a prática de comportamentos de risco. Adolescentes de áreas suburbanas das grandes metrópoles como São Paulo ou Barcelona. Os objetivos concretos destes programas compreendem: 1. informações sobre: a) disseminação do HIV na própria comunidade; b) como se transmite e como se transmite o HIV; c) as atividades sexuais de alto e baixo risco. 2. aprendizagem de habilidades sobre: a) como usar preservativos corretamente; b) como resistir às pressões e negar-se a entrar numa relação sexual; c) como falar de sexo seguro; d) como compartilhar esta informação e habilidades com outras pessoas. A análise reflexiva e avaliativa dessas intervenções de teor educativo mostraram que a educação sexual explícita não incrementa o início precoce da prática sexual nos adolescentes. Pelo contrário, isso sim, o comportamento de práticas seguras.